

# Um enfoque no domínio da junção: a gramaticalização de *mesmo assim*

(An approach for the junction domain: the grammaticalization of *mesmo assim*)

Lúcia Regiane Lopes-Damasio<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Linguagens – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

luciaregiane@bol.com.br

**Abstract:** This paper presents a qualitative and quantitative analysis and is focused on the process of grammaticalization of the junctive phrase *mesmo/ainda assim* of contrastive value in correlation to its function in Discursive Traditions, investigated from the 18<sup>th</sup> to 21<sup>th</sup> centuries. The results point out to a close relation between the traditions of investigated texts and a path of change that has been revealed to be still on going.

**Keywords:** grammaticalization; junction; contrast; discursive tradition.

**Resumo:** Este artigo focaliza, numa análise de natureza qualitativa e quantitativa, o processo de gramaticalização da locução conjuntiva de valor contrastivo *mesmo/ainda assim* em correlação ao seu funcionamento em Tradições Discursivas nos séculos XVIII a XXI. Os resultados apontam para a uma estreita relação entre as tradições investigadas e um caminho de mudança que se revela ainda em curso.

**Palavras-chave:** gramaticalização; junção; contraste; tradição discursiva.

## Introdução

Neste artigo,<sup>1</sup> resultado de trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto para a História do Português Paulista (Projeto Caipira), analiso o funcionamento da locução conjuntiva *mesmo/ainda assim*, priorizando a abordagem de seu desenvolvimento, via processo de gramaticalização (GR), em diferentes Tradições Discursivas (TDs), no recorte temporal compreendido entre os séculos XVIII e XXI.

O conceito de TD é aqui definido a partir de um laço que se estabelece entre *atualização* e *tradição via repetição* de um texto, ou de uma forma textual, que caracterize uma maneira particular de escrever ou falar, significável e, portanto, com valor de signo propriamente dito. Uma TD pode se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou com qualquer elemento de conteúdo (KABATEK, 2005, p. 159), a partir da reduplicação do nível histórico de Coseriu (1979).

A GR, por sua vez, é entendida com base na concepção de Traugott (1982, 2003), Traugott e König (1991), entre outros, priorizando a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos no processo. Considero que duas principais abordagens fundamentam a apreensão de trajetórias de GR, focalizando a mudança categorial, a saber: (i) uma que considera o percurso *léxico* > *gramática*, muito postulado desde Meillet (1965 [1912]), no qual um item lexical torna-se gramatical ou um item gramatical torna-se ainda mais gramatical, e (ii) outra que considera o percurso *discurso* > *morfossintaxe*, postulado por Givón (1979). Este trabalho, cf. Traugott (1995), fundamenta-se na combinação dessas

<sup>1</sup> Parte de tese de doutorado defendida em 05/2011, na UNESP-IBILCE (Fapesp/Proc. n. 07/07955-5).

duas abordagens, segundo a qual (iii) *um item lexical* > *discurso*. Nessa direção, a GR é definida como a pragmatização gradual do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial e metafórico.

O enfoque na mudança semântica, segundo a trajetória *concreto* > *abstrato*, leva a motivações de ordem cognitiva e comunicativa que se envolvem mutuamente no processo. As motivações cognitivas estão relacionadas à busca por resoluções de problemas de representação, no âmbito léxico, enquanto as comunicativas, à resolução de problemas associados ao intuito do falante de ser informativo e relevante, no âmbito, portanto, do discurso/texto. Para a resolução dos dois tipos de problemas atuam as mudanças viabilizadas metafórica e metonimicamente (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE et al., 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Dessa forma, de acordo com Heine et al. (1991), a GR pressupõe a existência de forças distintas, sendo uma motivada pragmaticamente, de natureza metonímica, associada à emergência de funções e significados que se sobrepõem numa estrutura em cadeia; e outra motivada cognitivamente, de natureza metafórica, relacionada a domínios cognitivos distintos. Assim, cada enfoque atua cooperativamente de modo a sinalizar aspectos distintos do processo de mudança focalizado.

A hipótese que dirige este trabalho parte, pois, de uma vinculação teórica entre GR e TD e baseia-se na aceitação de que a adoção de novas TDs tem servido, na história da língua, como motor para inovações e mudanças, via GR, o que leva ao pressuposto de que, a cada nova tradição, se dá uma busca por meios linguísticos apropriados, podendo levar tanto à conservação do que já existe no sistema, como à criação de algo novo. Dessa forma, é hipotetizada uma relação entre TD e o caminho de mudança da locução conjunta *mesmo/ainda assim*, capaz de apontar para especificidades desse processo de mudança no que tange à implementação de seus mecanismos fundamentais, a partir do pressuposto de que as características internas e externas de cada TD são determinantes para o processo de inovação linguística.

Nessa direção, com o intuito de evitar uma homogeneização do material de análise e, conseqüentemente, resultados inconsistentes, o estudo proposto deixa de ser apenas de um século a outro e passa a comparar resultados analíticos de textos diferentes, em “tempos” diferentes, segundo uma concepção de diacronia *não ideal* que acarreta um novo ângulo de focalização do processo de GR. Essa postura torna necessária uma análise em correlação a cada TD a fim de determinar o funcionamento do item, de modo a refletir suas transformações nas TDs focalizadas.

### **Material de análise: um recorte teórico-metodológico**

O *corpus* organiza-se segundo: (i) as TDs investigadas; (ii) a delimitação geográfica (Estado de São Paulo); e, (iii) a delimitação temporal (séculos XVIII a XXI). Foram analisadas amostras compostas por 274 textos referentes a cada TD dos *corpora*:

- (A) diacrônicos, representativos das TDs *carta* e *editorial*. O *corpus* da TD *carta* divide-se em: (i) *Administração Privada* (séc. XVIII e XIX); (ii) *Documentos Pessoais* (séc. XIX ao XX); e (iii) *Cartas de leitores e redatores de jornais* (séc. XIX e

XX). O *corpus* da TD *editorial* compõe-se de textos do jornal *O Estado de S. Paulo* desde a sua fundação até 1964; e

- (B) sincrônicos, compostos por: (i) TDs que constituem o Banco de Dados Iboruna (amostras de fala do Noroeste Paulista), a saber: TDs narrativa de experiência, narrativa recontada, opinativa, injuntiva e descritiva;<sup>2</sup> e (ii) TD *e-mail*.

Nas seções seguintes, apresento, numa perspectiva teórico-analítica, o domínio, caracterizado por flutuações semântico-cognitivas e categoriais, em que a locução *mesmo/ainda assim* será analisada, qualitativa e quantitativamente, mediante exposição de seus usos prototípicos e não-prototípicos, com o intuito de flagrar indícios de seu processo de GR, para, nas Considerações finais, traçar um quadro geral da GR dessa locução em correlação às TDs focalizadas.

### **As relações contrastivas: no domínio da flutuação**

Há uma grande flutuação existente entre as construções *concessivas* e *adversativas*. Segundo Koch (2001), do ponto de vista semântico, os jutores adversativos e os concessivos têm funcionamentos semelhantes: opõem enunciados de perspectivas diferentes, que orientam para conclusões contrárias, instaurando uma relação de *contraste*. Também para Halliday e Hasan (1976), tanto as construções adversativas quanto as concessivas são mediadas por uma relação contrastiva, cujo significado básico é a contrariedade à expectativa. Nessa linha, Chen (2000) afirma que semanticamente a noção de concessão é muito similar à de contraste e inerentemente relacionada à de adversidade. Como Quirk *et al.* (1985) pontuam, existe frequentemente uma mistura de contraste e concessão. Assim, é possível argumentar que uma relação concessiva implique uma relação adversativa. Diante disso, pressupõe-se que alguns mecanismos e/ou contextos relacionados à emergência de jutores concessivos podem ser fundamentais para a emergência de adversativos, em nível sintático, e, ao mesmo tempo, casos de grande flutuação em nível semântico-pragmático.

Segundo König (1985, p. 5), as adversativas, em nível da coordenação/parataxe, são definidas como relações entre proposições que suportam conclusões contraditórias, sendo que o ponto principal do falante se expressa pela segunda proposição (Q). As concessivas, ao contrário, são baseadas em relações condicionais/causais entre eventos em nível da subordinação/hipotaxe. Apesar dessas diferenças, o autor destaca que não deve ser obscurecido um ponto essencial de similaridade: em ambos os casos, *algo* é suspenso – na relação adversativa, o significado da primeira proposição (P) como argumento em favor de uma conclusão R, à qual o falante/escritor quer que o ouvinte/leitor chegue, e, na concessiva, a aplicabilidade de certas normas concernentes às relações causais ou condicionais para uma situação corrente.

Além disso, segundo König (1985, p. 7), alguns jutores (*apesar de, ainda que, por exemplo*) somente expressam relações concessivas, enquanto outros (*embora, por exemplo*) podem ser usados para os dois tipos de relações. Tomando esse fato juntamente

---

2 Considero a formação de uma TD a partir da combinação de funções comunicativas, cognitivas e instruccionais, bem como suas peculiaridades linguístico-estruturais. Assim, a TD diferencia-se do gênero textual, mas pode incluí-lo, bem como os tipos textuais. Portanto, da mesma forma que *cartas* e *editoriais* constituem TDs, podendo englobar outras TDs, a partir da composicionalidade da tradição que representam, os diferentes tipos textuais também constituem TDs.

com o de que nem todas as línguas apresentam juntores concessivos enquanto todas parecem ter seus adversativos – como *mas* –, sugere-se que a relação de adversidade seja mais geral e básica e que a relação de concessão seja uma variedade específica da primeira. Diante disso, pressuponho que, a partir de uma relação basicamente adversativa, pode-se inferir, por conta da própria fluidez semântico-pragmática, uma relação concessiva, mais abstrata, a depender do contexto.

A fluidez da relação entre adversidade e concessão fundamenta-se ainda a partir do exame cuidadoso das fontes de GR de juntores concessivos, que, segundo Chen (2000, p. 91), apresentam-se sob uma grande variedade, relacionada, de uma forma ou de outra, às propriedades sintático-semântico-pragmáticas das concessivas, em expressões que: (i) concedem a existência de uma situação adversa, como os SVs *admitir/conceder*; (ii) enfatizam a adversidade de uma situação concedida, como *mesmo/ainda assim*; (iii) afirmam a ineficácia de uma situação, como *apesar de/todavia*; (iv) declaram a concomitância de duas situações expressas pela antecedente (P) e pela conseqüente (Q), como *embora*; (v) ajudam a afirmar a factualidade da situação expressa pela conseqüente (Q), como *apesar disso*.<sup>3</sup>

Neves (1999) afirma que a relação que se estabelece entre essas construções não é simples, da mesma forma como também não o é a implicação que pode ser apontada entre as relações causais, condicionais e concessivas, “todas elas expressivas de uma conexão ‘causal’ *lato sensu* entendida, e todas elas explicáveis em dependência da (não) satisfação de necessidade/de suficiência de determinadas condições” (p. 545).<sup>4</sup> Torna-se evidente a ligação entre concessão, não satisfação de condições e frustração de uma causalidade possível. Aqui, admitindo a fluidez da relação entre *adversativas* e *concessivas*, tomarei como pressuposto o fato de que possíveis implicações para o desenvolvimento de uma podem ser relevantes para o desenvolvimento de outra.<sup>5</sup>

Em relação à manobra argumentativa, nas *adversativas*, emprega-se, segundo Guimarães (1987), a *estratégia do suspense*, que faz vir à mente do interlocutor/leitor uma conclusão R, para depois introduzir um (conjunto de) argumento(s) que levará à conclusão ~R. Na *concessiva*, o locutor utiliza a *estratégia da antecipação*, anunciando de antemão que o argumento introduzido por esse jutor será anulado. É importante lembrar, mais uma vez, que a possibilidade de alguns juntores prototipicamente concessivos, como *embora*, surgirem encabeçando Q torna, novamente, a relação entre adversativas e concessivas marcada pela flutuação.

Esse raciocínio sinaliza a base argumentativa da construção concessiva que representa, segundo Neves (1999, p. 562-563), o ponto exato em que podem ser examinadas as similaridades e diferenças entre concessivas e adversativas. Para ilustrar essa colocação, parto de uma adaptação dos exemplos expostos pela autora a fim de correlacionar ocorrências concessivas, em que se *refuta* uma objeção, com possíveis formulações adversativas, em que se *admite* uma proposição:

3 Vale lembrar que *apesar disso* permite paráfrase por *mesmo/ainda assim*.

4 Para Hermodsson (1994, p. 93 apud NEVES, 1999, p. 546), a concessiva qualifica-se como negação, de nível sintagmático, da relação normal suposta entre as proposições citadas na premissa maior e na menor.

5 Harris (1988) afirma que existe uma relação semântica que se estende no seguinte *continuum*: orações causais > condicionais > condicionais-concessivas > concessivas. Enquanto no extremo à esquerda a relação de causa é afirmada, no extremo à direita, esse vínculo causal é negado. Assim, uma causa ou condição é expressa na oração concessiva, mas o que se espera a partir dela é negado na oração nuclear.

- (a) *embora* muito forte, eles fazem um molho muito gostoso.
- (b) (o molho) é muito forte, *mas (mesmo/ainda assim)* é muito gostoso.

Neves (1999, p. 563-564) ilustra essa operação argumentativa com os esquemas:

*Concessivo:*

- (a') alguém *pode me objetar* que o molho que eles fazem é muito forte, e eu *não desconheço* isso;
- (a'') (*mesmo/ainda assim*) o molho é muito gostoso.

*Adversativo:*

- (b') eu *admito* que o molho que eles fazem é muito forte;
- (b'') (*mesmo/ainda assim*) o molho é muito gostoso.<sup>6</sup>

Chamo a atenção, também, para aspectos de natureza sintática, relacionados à integração oracional, que caracterizam a diferença tradicionalmente observada entre essas orações, já que as *concessivas* equivalem, prototipicamente, às subordinadas adverbiais, no âmbito da *hipotaxe*, enquanto as *adversativas*, às coordenadas, no da *parataxe*. Por hipótese, as orações paratáticas são gradualmente menos vinculadas sintaticamente do que as hipotáticas e desse fato decorrem algumas distinções em cada um dos tipos de relações interproposicionais. Para ilustrar essas considerações, apresento as orações abaixo, adaptadas de Martelotta (1998, p. 42):

- (c) Ele correu muito, *mesmo/ainda assim* não se cansou.
- (d) *Mesmo/Ainda que tenha corrido muito* não se cansou.

Em (c), ocorre a parataxe com o conectivo expresso em Q, sendo que a vinculação entre P e Q limita-se à referenciação anafórica realizada por *assim*, na locução em Q, responsável por *retomar* P como um todo. Já em (d), P assume o lugar do elemento anafórico, penetrando em Q e indicando um grau maior de integração. Se (c) exemplifica *adversidade* e (d), *concessividade*, tais colocações ilustram diferenças entre essas duas acepções no que diz respeito ao grau de integração oracional.

Segundo Martelotta (1998, p. 43), um reflexo dessa distinção relaciona-se às incidências adverbiais, isto é, nas adversativas, um advérbio (como *com certeza*) incide apenas sobre P, constituindo Q um argumento referente à P, mas distinto dele e fora do escopo adverbial, o que não ocorre nas concessivas, em que esse escopo incide sobre toda a construção, referindo-se à relação semântica global estabelecida entre as orações:

- (e) Com certeza, *a vida é boa*, mesmo/ainda assim devemos levá-la a sério.
- (f) Com certeza, *embora a vida seja boa* devemos levá-la a sério.

Também a presença de formas reduzidas indica um grau maior de vinculação oracional, por isso tende a não ocorrer nas paratáticas. Além disso, é possível a inversão da ordem

6 O misto concessivo-adversativo torna-se mais evidente quando ambos os juntores vêm expressos na mesma oração. Nesses casos, a concessiva, ao mesmo tempo, expressa refutação a uma possível objeção e assentimento referente a alguma validade dessa objeção. Nesse tipo de construção, determina-se uma ordem fixa, na qual a refutação precede a admissão, diferentemente das construções tradicionalmente concessivas, em que a ordem é livre.

sintática quando se trata de uma concessiva (característica das hipotáticas),<sup>7</sup> mas não de uma adversativa, cf. as paratáticas, cuja ordenação obedece a uma relação icônica entre a ordem dos fatos e dos argumentos lógicos.<sup>8</sup>

### Aspectos da gramaticalização de *mesmo/ainda assim*

Considerando as distinções entre a natureza *concessiva* e *adversativa* das construções e também as flutuações verificadas nesse domínio, incluindo aí, expressivamente, também as relações *causais* e *condicionais* (cf. CHEN, 2000; GUIMARÃES, 1987; HALLIDAY; HASAN, 1976; KOCH, 2001; KÖNIG, 1985; MARTELOTTA, 1998; NEVES, 1999; HARRIS, 1988), denominarei a relação *P, mesmo/ainda assim Q*, em seus usos mais gramaticalizados e prototípicos, como *contrastiva* a partir da constatação do traço de contra-expectativa.<sup>9</sup>

A locução juntiva *mesmo/ainda assim* apresenta, em seus usos mais gramaticalizados, aqui também denominados de mais prototípicos, as seguintes características semântico-formais:

- (a) tipo de unidade articulada: oração;
- (b) sem ocorrência com outra conjunção;
- (c) posição inicial de Q;
- (d) sem incidência adverbial sobre toda a onstrução;
- (e) sem ocorrência de formas verbais reduzidas;
- (f) impossibilidade de inversão da ordem;
- (g) relação de independência entre P e Q;
- (h) não compartilhamento de estruturas diversas;
- (i) relação de sentido: valor contrastivo.

(LOPES-DAMASIO, 2011, p. 252)

A ocorrência (1), extraída de um editorial, ilustra um uso prototípico da locução:

- (1) Quer nos parecer que hoje há vergonha| em confessar-se a verdade inteira. || **Ainda assim**, estas informações não [levam] | o sr. conselheiro director das terras | e colonização a formular um desmentido á | imprensa paulista, e particularmente a nós. [APSPXIX-1876/026]

Em (2),<sup>10</sup> *ainda assim* articula as orações P e Q, em posição inicial de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, sendo P uma reduzida:

7 A inversão da ordem sintática de P e Q não é gratuita, já que, conseqüentemente, passa-se do domínio do conteúdo para o domínio epistêmico (SWEETSER, 1990).

8 Para Sweetser (1990), nossa expressão linguística do mundo interno é modelada a partir de nossa expressão do mundo real. Assim, a anterioridade epistêmica, visualizada, por exemplo, na premissa antes da conclusão, reflete, iconicamente, a anterioridade temporal desses eventos no mundo. Portanto, espera-se que, na relação contrastiva, a quebra de expectativas (Q) se dê em relação àquilo que vem antes (P).

9 Segundo Heine et al. (1991, p. 192), a noção de expectativa relaciona-se ao fato de que as línguas apresentam formas de expressão para codificar *situações que correspondem às normas compartilhadas e situações que se desviam dessas normas*, sendo apenas estas codificadas gramaticalmente. Os elementos marcadores de contra-expectativa (*contrastivos*) codificam esse segundo tipo de situação. Seu uso implica uma comparação entre o que é dito e o que se espera/pressupõe em relação à norma.

10 As ocorrências de (2) a (6) foram extraídas de cartas.

- (2) É neste tempo que eu chego defora em 6 do|corrente e sendo já nomeado por esta Villa a dita Junta, vime obrigado|a tomar parte nos negocios, temendo, que o excesso de enthusiasmo não|degenerasse em males internos, e externos. Estando Membros d'|algũa Villas, *ainda assim* tenho feito, que se não tenha installado|a Junta, a espera de Sorocaba, que ainda não o quiz mandar (apezar |de que está tambem com bons sentimentos) [...]. [BNXIX-11/03]

Não existe, nesse contexto, uma relação *contrastiva* veiculada pela locução, isto é, P descreve uma situação factual/verdadeira em relação à qual Q também descreve outra situação factual/verdadeira que não representa uma situação inesperada/incompatível com a informação em P, mas uma consequência do que foi aí enunciado. Assim, há uma relação de causa-consequência, que permite a paráfrase de *ainda assim* por *por isso*, mas não por *apesar disso*, a partir da acepção de *assim* não reanalisada com *ainda*, conforme seguinte reescrita do segmento, que apresenta uma única modificação na localização do sinal de pontuação (vírgula) que, normalmente, acompanha essa acepção funcional de *assim* (hoje!):

- (2') Estando membros de algumas vilas ainda, *assim*, tenho feito[...]

A ocorrência ilustra as relações entre causa e concessão (CHEN, 2000; NEVES, 1999; KÖNIG, 1985), refletidas, na diacronia, em contextos que, embora sintagmaticamente favoreçam a leitura contrastiva, cognitivamente revelam a relação causal, significando que um contexto marcado pela noção de causa pode favorecer o desenvolvimento de traços contrastivos e, dessa forma, a mudança linguística.

A presença da reduzida e da relação semântico-conclusiva impossibilita a inversão da ordem das orações e, por conta disso, estabelece-se certo grau de dependência entre P e Q, no sentido da completude semântico-formal.

Em (3), abaixo, novamente não se verifica o *contraste* marcado por *assim mesmo*, mas uma relação, não totalmente gramaticalizada, de coordenação conclusiva veiculada por *e assim*, seguida por uma relação condicional veiculada por *mesmo se*. Não se trata, portanto, de uma leitura reanalisada da locução contrastiva *assim mesmo*.

- (3) [...] faltas de equi= |dade em manobras mais sublimes, vejo eu que me cauzaõ pena, efa= |zem viver por ca com desgosto, eamuito tempo estaria em Lisboa, naõ obitive sa= |ber muito bem os termos, emque está de caristia de viveres, se me naõ os pesados | grilhoens damesma familia, *easim mesmo* se mefoce pocivel, cobrar dehum | golpe oque me devem, hiria acabar os meos dias em Lisboa perto do | meo Principe, epodendo euaqui dizer a V. S<sup>a</sup>. muitas couzas, mere= meto ao silencio. [BNXIX-19/11]

Dessa forma, *mesmo* integra com *se* uma locução condicional, que estabelece a relação *mesmo se P, Q*, em que P apoia-se em uma hipótese, nessa ocorrência, observada em *me fosse possível*, representativa de uma *condição de realização* de Q, entendida como o resultado da condição enunciada em P (*iria acabar os meus dias em Lisboa*). Ambas as relações, a de conclusão (não-prototípica), expressa por *e assim*, e a de condição, expressa por *mesmo se*, compartilham a mesma oração Q.

Esse contexto é relevante para o disparo da emergência da reanálise estrutural de [assim] [mesmo] a [assim mesmo], bem como para o da emergência do significado *contrastivo* da locução, favorecendo a reinterpretação dos limites semântico-formais induzida pelas

contingências contextuais, isto é, por processo metonímico (pela contiguidade formal, em relação à reanálise estrutural, e pela contiguidade dos significados – contrastividade e condicionalidade – em relação à reanálise semântica).<sup>11</sup>

A ocorrência (4) demonstra contexto de ambiguidade semelhante a (1):

- (4) O dito quintal seacha imaberto, por que se||hefazem algum concerto, como ja vi praticado pelos Indios, para vedar as criaSsoens dediferentes vezinhos, que|aly entraó apastar todo anno, vem o fogo Com so|me o mato, ou feital, que antes estava cobrindo as|ruinas, ou fraqueza dos valos, reconheassem as cri|aSsoens as partes por onde podem fazer assua en|=|trada, e por estes passáo quando emcontraó segu|ranSsa nas partes retificadas, oque naó aconte|se hoje ou há annos, por que todo seacha fran|co e se conserva, como campo comum; esse|alguns Indios tem alguns retalhinhos do mesmo|quintal atacados com cercas saó taó lemitados|osterrenos, que nomeo conseito so daó para pouco|mais que huma orta de repolhos, ficando *assim|mesmo* parte da Aldeã, eaIreja [sic] sem defeza|das criaSsoens, [AIXVIII-24/62]

Em (4), *assim mesmo* ocorre após o verbo da reduzida que constitui Q, em posição medial, sem a coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial. A ambiguidade configura-se pela possibilidade de duas interpretações distintas para o mesmo contexto. Na primeira, cf. (1), a relação *contrastiva* não é observada, já que P e Q descrevem situações factuais/verdadeiras e que não representam uma situação inesperada/incompatível. Segundo essa interpretação, o fato de os índios terem *retalhinhos* de quintal, atacados com cercas, é insuficiente para modificar o fato de as suas criações continuarem sem defesas. Dessa forma, a locução *assim mesmo* pode ser parafraseada por *do mesmo modo* e permite uma relação em que todo o ST, em P, em especial *porque tudo se acha franco e se conserva como campo comum*, funciona numa relação de causa-consequência com Q: *ficando da mesma forma parte da aldeia e a igreja sem defesa das criações*. Na segunda interpretação, a relação *contrastiva* é agora veiculada pela locução se for considerado um contexto mais específico do tópico, marcado pela oração condicional *se alguns índios tem alguns retalhinhos do mesmo quintal, atacados com cerca*, em P. Essa informação funciona como base para a inferência de que há *defesa das criações, já que os índios têm seus quintais atacados com cercas*, contrastada pela afirmação contrária em Q. Dessa forma, a locução *assim mesmo* resgataria, em Q, exatamente o conteúdo da condicional, podendo ser parafraseada por *apesar disso*.

Toda a complexidade semântico-formal, principalmente de P, nesse caso, gera a ambiguidade da acepção e constitui um ambiente propício para a mudança, uma vez que mesmo que se queira transmitir A, não se pode evitar, a partir de um tópico como esse, que se interprete B. Soma-se a isso a correlação entre causa, condição e concessão, novamente relacionada ao desenvolvimento da acepção contrastiva.

Em (5), *assim* e *mesmo*, no início de Q, sem coocorrência de outra conjunção ou incidência adverbial, articulam P e Q, já reanalisados na locução com valor *contrastivo*.

11 Harris (1988, p. 75) apresenta seis padrões que auxiliam na compreensão da natureza dos conectivos e, sobretudo, dos contextos que refletem a relação de contrastividade. São eles: (i) O padrão indefinido, portanto total (*Whatever you may do, nevertheless...*); (ii) O padrão total explícito (*All that you may do, nevertheless...*); (iii) O padrão volitivo (*Let it be as you wish/ let it be so, nevertheless...*); (iv) A marca explícita de posição escalar extrema (*Most X that it may be, nevertheless...*); (v) Padrão temporal, frequentemente reforçado (*While/when...nevertheless...*) e; (vi) O padrão condicional, frequentemente reforçado (*Even if/ though He did it, nevertheless...*). Aqui, interessa especificamente o padrão (vi).



- (5) Eoutro Ssim por que hay huãs profecias | de Como vossaexelencia não hade hir a Cujaba SenoSso | Senhor ouvir osRogos dospeccadores aSsim mesmo | hadeSer por que me parece não ha' quem | Sedescuide Com esta deligençia inda que | Seria Com muito dispendio de vossaexelencia Seadita pro | feçia sahir Certo[...] [AIXVIII-11/48]

Sintaticamente, essa construção pode resultar da elisão da forma verbal *sendo* (*mesmo [sendo] assim*, cf. LOPES-DAMASIO, 2011; 2012). Nesse contexto, *mesmo* funciona como operador de subordinação com interpretação concessiva/contrastiva, semelhante àquela que se obtém com *embora*, enquanto *assim* retoma anaforicamente a proposição precedente, P, em que há uma asseveração com a admissão de V. Exa. *não ir a Cuiabá*. Em Q, por sua vez, está a não aceitação da inferência realizada a partir de P, gerando o contraste. Novamente, observa-se, em P, a condicional *se nosso Senhor ouvir os Rogos dos pecadores*, antes da inserção de Q. A relação de quebra de expectativas que gera o contraste, via negação de inferência existente entre P e Q, é perpassada pela condição, revelando, mais uma vez, a importância do contexto – condicional/contrastivo – para o desenvolvimento dessa última acepção, ainda que em condições distintas daquela analisada em (3), uma vez que aqui a locução já está reanalisada.

O segmento *há de ser* de Q ativa o compartilhamento da informação *ir a Cuiabá*, de P, desfazendo a negativa presente nesse segmento e estabelecendo o contraste, marcado pela locução.

Frente a essas constatações, a relação de ordenação entre P e Q é marcada, tanto em nível formal, pela foricidade estabelecida por Q em relação a P, quanto em nível semântico, pela colocação em P que funciona como base para a inferência que contrasta com a colocação em Q, sendo esse *contraste* marcado pela locução *assim mesmo*. Torna-se, portanto, agramatical uma inversão da ordem de P e Q.

Em (6), *assim mesmo* coocorre, no final de Q, com *mas*, responsável pela articulação de P e Q, em contexto de inserção parentética em Q:

- (6) Além disso desde março que|estou lecionando Inglês e Português; o que|mais custa é ser à noite, mas como|não tinha nada, aceitei *assim mes-|mo*. [FFXX-54f/136]

Como já destaquei, em P, há uma asseveração, com a admissão de um fato e, em Q, a não aceitação da inferência a partir do que foi veiculado em P. Diferentemente de (5), a insuficiência da asseveração, em P (cuja forma não é a de uma asseveração propriamente dita), para permitir a inferência contrastiva, é indicada por *assim mesmo*, justificando a ocorrência de *mas*, que marca o contraste e, no final de Q, a de *assim mesmo*, que reforça esse contraste. No segundo membro coordenado, o parêntese insere um argumento não considerado *como não tinha nada*, avaliado como mais relevante do que o anterior, no primeiro membro, embora esse argumento, em P, seja admitido, justificando a relação contrastiva e, assim, o uso de *mas* e de *assim mesmo*.<sup>12</sup>

A inversão da ordem de P e Q torna a construção agramatical graças: (i) à articulação realizada por *mas*, indicando o princípio icônico de ordenação desses enunciados coordenados, e (ii) à relação fórica estabelecida por *assim mesmo*, ainda que possa haver mobilidade da locução em Q após *mas* (pré ou pós verbal).

12 Além da relação contrastiva, mais abstrata, a locução *assim mesmo* permite paráfrase por *do mesmo modo*, revelando a ambiguidade semântica (MODO > CONTRASTE) que perpassa seus usos não-prototípicos, com acepção mais concreta.

Nas distintas TDs presentes no IBORUNA, ocorrem casos cf. (6), em que, tanto em posição final de Q (7), como após *mas*, em posição pré verbal (8), a locução indica a não aceitação da inferência realizada a partir da asseveração, em P, e marcada inicialmente por *mas*, enfatizando a acepção contrastiva do complexo:

- (7) um po(u)quinho só... e:: cada duas horas eu tenho que comê(r) um po(u)quinho de coisa porque meu estômago tá pequenininho né?... mas eu me conformo *MESmo assim* porque eu saí dos cento e trinta quilos... [AC-152/NE1222]
- (8) chegamo(s) em Noronha pegamo(s) um aviãozinho pequeno -- óh eu dentro dos aviões de novo -... só que aquele eu senti medo... tomei Dramim tudo pra num vomitá(r) mas *mesmo assim* passei muito mal... [AC-051/DE095]

Esse tipo de ocorrência representa um estágio em que a locução, atreladamente ao seu elo anafórico – que, como germe de sua função juntiva, reforça a relação entre Q e P, já marcada por *mas* –, desempenha a função de reforçar o contraste, veiculado por este item, prototipicamente responsável pela junção com acepção contrastiva.<sup>13</sup> Ressalto, novamente, a ambiguidade, nesse uso, perpassado pela acepção modal.

O *corpus* da TD *e-mail* apresenta uma única ocorrência, exposta abaixo, relacionada a esse padrão e à situação de ambiguidade semelhante àquela analisada cf. (6), (7) e (8). No dado de *e-mail*, entretanto, *mesmo assim* encontra-se no final da coordenada Q, sem a presença de outro elemento para o estabelecimento do contraste a partir da não aceitação da inferência baseada na asseveração em P. Apesar disso, também são possíveis ambas as leituras, contrastiva e modal, a partir de paráfrases por *apesar disso* e *do mesmo modo*:

- (9) Oi, T., olha eu de novo te enchendo!!!! || Em algumas cartas q são e-mail, não aparece o local, || apenas o e-mail da pessoa. Devo utilizá-las *mesmo assim*? [...] [EMAILXXI-13/21D]

A TD editorial também oferece contextos importantes para a descrição do desenvolvimento do funcionamento dessa locução juntiva, no que diz respeito à contiguidade sintagmática e às estratégias semântico-cognitivas realizadas por ela, mas, em todas as ocorrências, já apresenta a locução reanalisada. Nessa TD, foram constatadas, por exemplo, ocorrências relacionadas a certa fluidez argumentativa, como pode ilustrar (10):

- (10) *Dado mesmo que* haja reflectido e mudado| de opinião [ininteligível] os srs. ministros da fazenda| e presidente do conselho, *ainda assim* ha| ahi uma questão melíndrosa e gravíssima a| decidir: é licito á corôa *demittir* um ministro| de estado estando o parlamento a funcionar| e sem que este se tenha manifestado? [APSPXIX-1879/058]

Em (10), *ainda assim* encontra-se em contexto que articula Q a P, sendo P iniciada por construção parafraseável por *embora*. A concessiva, iniciada por *dado mesmo que*, ao mesmo tempo, expressa refutação a uma possível objeção e assentimento referente a alguma validade dessa objeção, na oração iniciada por *ainda assim*. Dessa forma, o contexto mostra uma forte mescla entre o funcionamento de *embora*, aí representado por outra construção, e *ainda assim*, uma vez que P inicia-se apontando para a antecipação da negação da inferência que será realizada *a posteriori* em Q, sendo que, em Q, gramaticaliza-se novamente a negação dessa inferência por *ainda assim*. Nessa ocorrência, a

<sup>13</sup> Portanto, considero usos como (7), em que *mesmo assim* localiza-se no final de Q, como representativos de contextos importantes para o desenvolvimento da função juntiva da locução, desempenhada prototipicamente aí pelo juntor *mas*.

paráfrase da locução por *mas* não é aconselhável, o que reforça a importância do contexto para a emergência das características mais concessivas no funcionamento de *ainda assim*.

Outros contextos dessa locução, na TD editorial, revelam o mesmo tipo de fluidez, por sua vez, com o item *mas*, cf. (11):

- (11) Tudo isso explica-se; muita coisa desculpa-se e tolera-se, até certo ponto: *mas ainda/assim* é preciso que a população estranha álfesta tenha certeza de que anda resguardada|pela vigilancia policial, [...] [APSPXIX-1876/017]

Nesse contexto, já observado em ocorrências extraídas das TDs do IBORUNA, ocorre a estratégia argumentativa de suspense, como nos usos adversativos, em que P encaminha para uma inferência conclusiva R e Q leva à sua negação, acarretando não-R. *Ainda assim*, como reforço argumentativo, mostra que, apesar de se admitir a proposição em P, é em Q que há a asseveração do fato mais relevante. Assim, as relações contextuais dessa locução mostram, mais uma vez, o caráter fluido no que tange às características concessivas e adversativas.

Na ocorrência (12), também extraída de um editorial, além de o contexto apresentar a coocorrência de *ainda assim* e *mas*, a condicionalidade está também presente. A primeira oração apresenta um argumento *maior seria também a sua riqueza e prosperidade* sob uma condição, indicada por *Si*. No período iniciado por *mas*, contraria-se a inferência realizada a partir do argumento anterior e, por fim, o último período, articulado por *ainda assim*, enuncia um argumento não considerado que, novamente, admitindo o anterior (indicado por *mas*), apresenta o que é mais relevante. Aqui, cf. constatado em ocorrências da TD carta, a relação de quebra de expectativas que gera o contraste, via negação de inferência, relaciona-se com a aceção de condição, próxima contextualmente.

- (12) *Si*, pois, a provincia fosse possivel ap-| plicar maior parte de sua renda a esses| dous poderosos factores do seu progresso, | maior seria também a sua riqueza e pros-| peridade. || *Mas* a centralisação pêa-lhe os movi-| mentos, abafa as aspirações e impõe uma | distribuição de rendas em grande parte| com destino improdutivo, mesmo com re-| lação ao todo. || *Ainda assim* devem os paulistas em| cada anno fazer a conta do Deve e Haver| com o imperio para ter certeza do quan-| to vale na união, como esta estabelecida| no regimen actual, que parece não com-| prendel-a sem as fortes cadêas da cen-| tralisação. [APSPXIX-1881/072]

Além dos contextos de ambiguidade já expostos, nas ocorrências das TDs do IBORUNA, observam-se outros, igualmente importantes para o processo de desenvolvimento, refletido sincronicamente, em que a interpretação dos itens como componentes de uma locução com aceção contrastiva depende, imprescindivelmente, de sua realização prosódica:

- (13) foram seis meses... saindo::... aí voltei com e::le... meio na escond/ escondida assim... minha avó num sabe *ainda:: assim* alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo [AC-052/NE163]
- (14) mas é uma organização mui::to bacana... as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada e dá pra passá(r) os carros *assim mesmo*... porque lá a gente num caminha pelas calçadas... [AC-152/DE1239]

Em (13), a sintaxe, a semântica e até a pragmática permitem a interpretação de P como “minha avó não sabe” e Q, introduzida pela locução contrastiva, “*ainda assim* alguns parentes sabem...”, baseando a leitura na quebra de expectativas que representa

outros parentes saberem do namoro se a avó não sabe. Ter-se-ia um uso prototípico da locução. Entretanto, apenas a audição do inquérito e uma análise prosódica revelam um uso de *ainda* e *assim* não reanalisado na locução, de forma que *ainda* mantém sua acepção temporal, associando-se ao contorno entoacional descendente de “minha avó não sabe *ainda*”, com pausa separando esse enunciado prosódico do seguinte, iniciado por *assim*, realizado com contorno entoacional ascendente, sinalizando cataforicamente o enunciado “alguns parentes sabem... meu pai e minha mãe sa::bem tudo”. Apesar disso, esse contexto evidencia um ambiente propício para a reanálise formal, na constituição da locução, dado que, semanticamente e pragmaticamente, a acepção contrastiva pode ser inferida a partir dele, cf. sugere leitura do tipo: *minha avó num sabe (ainda)... ainda assim alguns parentes sabem...*

De forma semelhante, em (14), apenas a análise prosódica garante, agora, a interpretação contrastiva da locução no complexo, com P, “as ruas bem largas... pra gente fazê(r) caminhada”, e Q “e dá pra passá(r) os carros *assim mesmo*”, ao invés da análise de *assim* como Sinalizador de construção de Quadro Mental (cf. LOPES-DAMASIO, 2011), associado à descrição “e dá pra passá(r) os carros *assim*”, e *mesmo* ligado a *porque* em “*mesmo* porque lá a gente num caminha pelas calçadas”. Ainda a leitura não atestada pela análise prosódica,<sup>14</sup> não deixa de evidenciar o significado contrastivo do complexo, representando, novamente, importante contexto para a constituição e solidificação da locução contrastiva *assim mesmo*.

Portanto, nos usos mais gramaticalizados, que estou chamando aqui de usos prototípicos, a locução é empregada em orações consideradas livres e funcionalmente independentes. Para uma melhor ilustração desse funcionamento, recupero os pressupostos de Halliday (1985), conforme quadro abaixo, em que à notação 1 (inicial) e 2 (continuação), na parataxe, e  $\alpha$  (dominante) e  $\beta$  (dependente), na hipotaxe, acrescento P e Q:

**Quadro 1: Parataxe e Hipotaxe**

	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA
PARATAXE	1P (inicial)	2Q (continuação)
HIPOTAXE	$\alpha$ P (dominante)	$\beta$ Q (dependente)

De acordo com a análise realizada neste artigo, em seus usos mais prototípicos, em 2Q, *mesmo/ainda assim* representa uma combinação de *realce* com a *parataxe* (1P x 2Q), produzindo o que é também um tipo de coordenação. A oração introduzida por *mesmo/ainda assim* integra a categoria *causal-condicional* apresentada por Halliday (1985, p. 213), marcando um significado de concessão-consequência, que, aqui, denominei de relação *contrastiva*, ao invés de concessiva, a fim de marcar a flutuação existente entre esses usos e os concessivos sem deixar, no entanto, de sinalizar a diferença entre eles: se a oração em realce preceder, tornando-se temática, no complexo oracional, a relação é hipotática, e, portanto, concessiva, se a oração em realce proceder, como é o caso de 2Q introduzida por *mesmo/ainda assim*, a relação é paratática. Dessa forma, estou considerando toda a fluidez semântico-cognitiva que caracteriza esses usos, conforme exposição realizada nesta e na seção anterior, como indicativa do processo de mudança por que passa a locução.

<sup>14</sup> Prosodicamente, constata-se uma frase entoacional (I) em Q, marcada por contorno final descendente e por pausa que a separa da próxima I *porque lá a gente num caminha pelas calçadas*. Portanto, *assim mesmo* realiza-se no interior da mesma I, sem pausa separando os itens que constituem a locução.

Note que aqui, como preconiza Halliday, embora haja a independência característica das orações paratáticas, a sequência/ordenação não pode ser alterada.

Por fim, a Tabela 1 traz a frequência de usos prototípicos (P) e não-prototípicos (N-P) da locução analisada de acordo com cada TD:

**Tabela 1: Frequência de usos prototípicos e não-prototípicos de P *mesmo/ainda assim* Q**

	P	%	N-P	%
TD carta	01	(20%)	04	(80%)
TD editorial	06	(60%)	04	(40%)
TD <i>e-mail</i>	0	(0%)	01	(100%)
TDs do Iboruna	TD narrativa de experiência	02	05	(71,43%)
	TD narrativa recontada	0	0	(0%)
	TD opinativa	02	03	(60%)
	TD injuntiva	01	01	(50%)
	TD descritiva	01	01	(50%)

Como mostra a Tabela 1, P *mesmo/ainda assim* Q é mais recorrente, diacronicamente, na TD editorial (10 ~ 5,34% frente a 05 ~ 3,93% na TD carta). Na perspectiva sincrônica, o maior número de casos é constatado na TD narrativa de experiência (7 ~ 2,38%). Vale destacar que, na diacronia, a TD carta apresenta 80% das ocorrências em contextos não-prototípicos e favorecedores da mudança em comparação com 40% de suas ocorrências não-prototípicas nos dados da TD editorial, nessa mesma perspectiva. Sincronicamente é também elevada a frequência de seus usos não-prototípicos.

### Considerações finais

A análise dos dados aqui realizada mostra que o processo de mudança, refletido neles, sofre influência dos contextos linguístico-pragmáticos que o subjazem. Estes, por sua vez, estão associados diretamente às características de TDs específicas.

De modo geral, na TD carta, as análises mostraram vários exemplos em que, embora em contextos relevantes para a emergência da aceção e do funcionamento do junctor contrastivo, foram constatadas situações de não reanálise ou de ambiguidade em relação às características dessa construção. Por sua vez, nos editoriais, embora a reanálise de *ainda/mesmo* e *assim* estivesse concluída (sendo a locução usada, mais frequentemente, de forma próxima ao seu funcionamento prototípico), os contextos de sua utilização continuaram permeados por aspectos concessivos, adversativos e/ou condicionais, por vezes até de forma contígua, o que, além de indicar o próprio desenvolvimento da locução, justifica sua acentuada fluidez entre concessão e adversidade. Por sua vez, os dados de *e-mail* e das TDs do Iboruna mostraram contextos relevantes para a identificação de ambiguidades, principalmente, nestas últimas, em que se constataram relações de contiguidade sintagmática na possível implementação da mudança refletida sincronicamente, associada, muitas vezes, a fatores que extrapolam a análise sintática, semântica e pragmática, exigindo uma análise de cunho prosódico.

A partir desses resultados, é possível afirmar, no que tange ao processo de GR da locução *mesmo/ainda assim* em correlação às TDs focalizadas, que:

- (i) com base na análise dos usos não-prototípicos da locução, há relações entre as TDs carta, *e-mail* e TDs do IBORUNA, apesar das distintas bases semióticas que as subjazem, indiciando, portanto, aspectos sintomáticos da heterogeneidade constitutiva da escrita, nos moldes de Corrêa (1997),<sup>15</sup>
- (ii) existe um processo de mudança que ainda se revela em trânsito, mesmo na TD editorial, que favorece os usos prototípicos da locução, já que 40% de suas ocorrências equivalem a usos não-prototípicos, sendo que mesmo os prototípicos se encontram em ambientes ainda fortemente marcados por traços semântico-cognitivos e formais característicos de contextos que favorecem a emergência da locução.

Ou seja, os usos da locução aqui investigada, desde o século XVIII até a sincronia atual, comprovam que, sincronicamente, sentidos adjacentes são também diacronicamente adjacentes (TRAUGOTT, 1982). Mostram, assim, que os sentidos que caracterizam a fonte de derivação, na diacronia, refletem-se como fonte de polissemia e ambiguidade, na perspectiva sincrônica. Entretanto, nessa relação entre as perspectivas, no que tange ao processo de GR, ganha destaque aqui a implementação da mudança em cada uma das TDs focalizadas. Embora revelem usos da locução em estágios distintos do processo (TDs carta, *e-mail* e TDs do IBORUNA, com usos menos prototípicos e TD editorial, com os mais prototípicos), apresentam, da mesma forma, fortes indícios de um processo de mudança que ainda se revela em curso.

## REFERÊNCIAS

- CHEN, G. The grammaticalization of concessive markers in Early Modern English. In: FISCHER, O. (Org.) *Pathways of change, grammaticalization in English*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 85-108.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas. SP. 435f. 1997. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. London: Academic Press, 1979.
- GUIMARÃES, E. R. J. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.
- HALLIDAY, M. A. K. Above the clause: the clause complex. In: \_\_\_\_\_. *An introduction to Functional Grammar*. New York: Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.

---

<sup>15</sup> Cf. a relação entre fala/oralidade e escrita/literalidade assumida aqui (CORRÊA, 1997), adoto não a compartimentação de gêneros em um contínuo, mas um *modo heterogêneo de constituição da escrita*, fundamentado na apreensão de TDs escritas transpassadas por traços de oralidade e vice-versa.

HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 71-99.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KABATEK, J. Las tradiciones discursivas del español medieval: historia de textos e historia de la lengua: *Iberoamericana*, n. 62, p. 28-43, 2005.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p. 1-19, 1985.

LOPES-DAMASIO, L. *Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

\_\_\_\_\_. Tradição discursiva e mudança linguística: uma abordagem da gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 3, 2012.

MARTELOTTA, M. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 37-56, 1998.

MEILLET, A. L' évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12, v. 26, n. 6. Reimpresso em A. MEILLET *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965 [1912].

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. Vol. II: Novos estudos, p. 545-591.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive Grammar of the English Language*. London-New York: Longman, 1985.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (Org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.

\_\_\_\_\_. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>>. Acesso em: 20 fev. 2004.

\_\_\_\_\_. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.